

**John Stott, *Ouçá o Espírito, Ouçá o Mundo: Como Ser um Cristão Contemporâneo* (São Paulo: ABU Editora, 1997), 478pp. (inclui guia de estudos). Traduzido por Silêda S. Steuernagel do original em inglês *The Contemporary Christian* (1992).**

Esse livro foi publicado no Brasil pela Aliança Bíblica Universitária (ABU), em comemoração aos seus 40 anos de existência. Trata-se de uma tradução do original em inglês publicado em 1992. Não é um lançamento, portanto. Todavia, devido ao peso de Stott e à importância da obra, o livro merece uma resenha.

O alvo de Stott nessa obra é descrever o *cristão contemporâneo* e incentivar a igreja em geral a ser uma igreja contemporânea. O cristão contemporâneo, conforme o título do livro indica, é aquele que ouve o Espírito de Deus falando nas Escrituras e ao mesmo tempo "ouve" o mundo em que vive. Stott fala mais uma vez nesse livro dos problemas e questões que os cristãos enfrentam no mundo moderno. Seu estilo é perceptivo, bíblico e geralmente muito claro. Como ele mesmo diz: "Este livro é, pois, um ensaio sobre a maneira como nós, cristãos, lidamos com o tempo, e como devemos conciliar o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver" (p. 11).

Embora Stott negue que pretenda ser sistemático (p. 12), o livro quase que poderia ser considerado como uma teologia sistemática, só que composta de uma forma diferente das tradicionais. Ele agrupa as questões que considera "na vanguarda em termos de debates da atualidade" (p.12) em cinco grandes blocos: o Evangelho, o Discípulo, a Bíblia, a Igreja e o Mundo. Esses assuntos são discutidos em termos do passado, presente e futuro e explorados do ponto de vista da contemporaneidade do cristianismo. Ao fim, o livro poderia ser considerado como uma sistematização do pensamento de Stott, arranjado de acordo com a ênfase que marcou seu ministério mundial, que é exatamente a sua preocupação em tornar o cristianismo relevante para a sua época.

Colocando o cristão contemporâneo na perspectiva do passado e do futuro, Stott começa o livro com uma introdução extensa sobre "O Ontem e o Hoje" e termina após 21 capítulos com uma conclusão intitulada "O Já e o Ainda Não."

Na Introdução, Stott defende que o cristianismo é ao mesmo tempo histórico e contemporâneo. Em seguida, enumera treze tentativas recentes de "modernizar" Jesus (pp. 19-25). A amostragem é decepcionante. Inclui escritores desconhecidos e irrelevantes e omite algumas das mais cruciais e influentes esforços da atualidade, como a tentativa de modernizar Jesus conhecida como "a busca do Jesus histórico," atualmente já em sua terceira fase, com o polêmico "Seminário sobre Jesus" (*Jesus Seminar*). Stott demonstra claramente que essas tentativas de modernizar Jesus acabam por deixá-lo de acordo com as preferências de seus proponentes. Entretanto, o desafio está lançado: Como podemos ser *conservadores* e ao mesmo *relevantes* em nossa época? A sua resposta é que precisamos ouvir duas vezes, ouvir a Deus pela Palavra e ouvir o mundo.

A ênfase característica de Stott ao amor que os crentes devem ter entre si e para com o mundo atravessa o livro, estando presente em cada capítulo e ganhando maior destaque no capítulo sobre os frutos do Espírito. Seu tratamento das questões hermenêuticas é muito bom e mostra que ele está atualizado, embora falte uma referência ao desconstrucionismo de Derrida. Seu tratamento do papel do ministério ordenado das mulheres na igreja é muito lúcido, mas menos do que convincente para os que percebem que a questão da ordenação de mulheres não pode ser resolvida sem atenção aos textos

bíblicos pertinentes.

Era de se esperar que Stott enfatizasse a pregação nesse livro, e é exatamente o que ele faz: "Pregar é expor o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus é ouvida e o povo de Deus a obedece" (p. 208). Obviamente, essa definição vai além do que é a pregação fiel. Por esse critério, Noé, Isaías e os demais profetas não pregaram a Palavra de Deus, visto que não houve reação obediente do povo. Na seção sobre evangelismo, Stott enfatiza o sacerdócio universal dos santos, contrariando a tradição anglicana.

Stott termina o livro falando com convicção sobre o retorno de Cristo e afirmando que as três grandes aclamações sobre Cristo resumem a nossa posição como cristãos contemporâneos: "Cristo morreu! Cristo ressuscitou! Cristo voltará!"

Stott escreve de maneira clara, fácil e popular, embora às vezes seja repetitivo. Ele é decididamente evangélico em sua doutrina das Escrituras. Está comprometido com a Palavra de Deus e disposto a ouvir o mundo. Ele também é evangélico quanto à doutrina da expiação ("Cristo padeceu em nosso lugar a morte que deveríamos morrer," p. 69), embora não seja claro em seu livro se acredita que a expiação é eficaz (ou seja, todos pelos quais Cristo morreu serão eficazmente chamados, regenerados, perdoados e justificados). Stott confessa que somente o Espírito pode convencer as pessoas dos seus pecados e necessidades e abrir-lhes os olhos para enxergarem a verdade do Cristo crucificado (p. 75).

Um outro aspecto positivo é o apreço de Stott pelos puritanos e suas obras. Ele não se deixou levar pela belicosidade tradicional dos anglicanos contra os puritanos, e faz freqüentes menções positivas dos seus escritos. É verdade que Stott não poderia ser considerado como um "anglicano puritano," como, por exemplo, o bispo J. Ryle ou, mais modernamente, J. I. Packer. Entretanto, a sua atitude para com os puritanos não é marcada pelo preconceito como muitos dos autores modernos.

Os reformados, entretanto, aqui e acolá sentirão falta de referências às doutrinas características da teologia calvinista. É o que ocorre, por exemplo, quando Stott fala da dignidade e da depravação humana. No que concerne a esta última, os reformados sentirão falta de qualquer referência ao caráter hereditário do pecado, sua extensão (atingiu *todas* as áreas da personalidade) e seus efeitos devastadores sobre a vontade humana. Pior ainda, não há qualquer menção da *culpa* que o pecado acarreta e nem do castigo que ele merece. Stott fala do pecado apenas em termos psicológicos e éticos. Outro exemplo: ele menciona como o Evangelho liberta da culpa, do ego e do medo para que possamos amar a Deus e ao próximo. Esta última parte é desenvolvida de forma clara e apaixonada. Entretanto, senti falta de referência à *glória de Deus* como o fim principal para o qual Deus nos criou e para o qual nos liberta pelo Evangelho. Em vez disto, Stott colocou o *amor*.

No capítulo quatro ("A Relevância da Ressurreição"), Stott responde três perguntas acerca da ressurreição de Cristo: O que ela significa? Ela aconteceu de fato? Ela tem importância? As respostas de Stott são evangélicas: Cristo ressuscitou literalmente de entre os mortos e esse fato é a base do perdão de Deus, do poder de Deus e da vitória definitiva de Deus (a ressurreição futura dos crentes). Nada, entretanto, é dito

claramente sobre o destino dos ímpios.

Evidentemente, Stott não poderia esconder em uma obra como essa a sua convicção acerca do destino dos ímpios. Para muitos evangélicos brasileiros admiradores de Stott é uma surpresa (desagradável) tomar conhecimento de que ele é um *aniquilacionista* convicto e declarado. Para os que não estão familiarizados com essa terminologia, *aniquilacionista* é quem acredita que o castigo de Deus sobre os ímpios será a destruição (aniquilação) dos mesmos no dia do juízo, rejeitando assim a idéia do sofrimento eterno. Muito embora Stott não aborde o assunto diretamente, suas convicções afloram quando ele trata do julgamento final e do castigo dos ímpios, omitindo significativamente qualquer menção sobre as penas eternas (ver p. 93).

Há ainda uma outra questão relacionada com a teologia de John Stott. Alguns poderão se perguntar, ao lerem o livro, se Stott acredita que alguém que nunca ouviu falar de Cristo pode ser salvo. Stott, é verdade, enfatiza (embora pudesse ter sido mais enfático) a necessidade do testemunho evangélico da igreja no mundo. Ele parece acreditar que é possível alguém ser salvo sem ter ouvido a mensagem do Evangelho, mas que, se isso acontecer, tal salvação de algum modo terá de passar por Cristo, pela fé.

O livro merecia ter sido melhor editado. Há vários hífen no meio de sentenças (dois na p. 29). Perdi a conta de marcar na minha cópia do livro as vezes em que a referência a uma nota de rodapé está numa página e a própria nota está em outra.

Para os que desejam ter uma visão ampla dos principais temas das Escrituras e dos assuntos que ocupam a igreja contemporânea, o livro é um excelente auxílio.

— Augustus Nicodemus Lopes